

A AQUISIÇÃO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA POR ESTUDANTES OUVINTES DE LETRAS-LIBRAS A PARTIR DO CONTATO COM ALUNOS SURDOS

Dalva Brandão Viana (UFPI)
dalvabrandaoviana@gmail.com

Heron Ferreira da Silva (UFPI)
fheron@outlook.com

Resumo: O presente artigo se propõe a refletir sobre o processo de interação entre surdos e ouvintes no âmbito acadêmico, por meio da Libras. O cenário da pesquisa é o curso de Letras Libras, da UFPI, na cidade de Teresina, que é um curso novo e ainda está desenvolvendo suas primeiras atividades. Pretendemos explicar algumas das diversas formas existentes acerca da maneira de aquisição através do processo de interação social para o aprendizado de L2. Para o desenvolvimento deste trabalho, usamos como suporte teórico os estudos de: Quadros (1997), Gesser (2009), Richter (2000), Kail (2013), dentre outros. A pesquisa foi desenvolvida no período de abril a junho de 2017, na Universidade Federal do Piauí, como trabalho final da disciplina de Linguística Aplicada I. Foram utilizados como instrumentos para coleta de dados, entrevistas e questionários direcionados aos sujeitos participantes da pesquisa. Esse trabalho se constituiu no contexto acadêmico, uma vez que com o lançamento do curso de Letras Libras na Universidade Federal do Piauí, o número de alunos surdos matriculados na instituição é crescente a cada ano. Com base nas análises, observamos que são várias as estratégias utilizadas pelos ouvintes para a aprendizagem da Libras. E uma das estratégias mais utilizadas inicialmente por eles é a datilografia e a escrita do conteúdo em papel, além de ocorrer o aprendizado da Libras através da observação simultânea da sinalização dos intérpretes e as palavras ditas pelo professor, associando palavra/sinal. Bem como diálogos nos intervalos com colegas surdos e desenvolvimento de atividades em sala de aula com surdos e ouvintes.

Palavras-chave: Libras. Aquisição de L2. Interação.

1 Introdução

A LIBRAS, sigla adotada nos meios legais para a Língua Brasileira de Sinais, foi reconhecida legalmente como língua oficial da comunidade surda e qualquer outro meio a ela associada e aprovada em 24 de Abril de 2002, na lei federal de n 10.436. Com base na lei, a Libras recebe o status de uma língua natural de um povo, onde a comunicação e expressão do povo surdo é por meio dessa língua L1, que em hipótese alguma deve ser substituída pela língua oral, na modalidade escrita para a educação de surdos, conforme o artigo 4º da lei.

Com o reconhecimento oficial de sua língua, legalização, os surdos passaram a conquistar espaços na sociedade, o que antes não ocorria. Pelo fato de uma maioria linguística não aceitarem que o surdo pode ter um papel importante em nossa sociedade

majoritária ouvinte. A interação com os ouvintes era especialmente afetada pelo isolamento linguístico da pessoa surda. Atualmente, isso vem sendo modificado, o contato entre pessoas surdas e ouvintes, está cada vez mais constante e necessário, uma vez que os sujeitos surdos estão mais presentes nos espaços sociais. Principalmente no âmbito e meio acadêmico, os surdos de uma maneira geral estão buscando por uma qualificação e assim ingressando em faculdades e universidades públicas, desta forma surge a necessidade de se aprender uma outra língua, mais precisamente a Libras.

As línguas de sinais, por muitos anos, foram negligenciadas pela sociedade. Em diferentes partes e épocas do planeta, a pessoa surda sofreu com um processo de educação inadequado e até mesmo com a inserção social, que muitas vezes não acontecia. É notório o quanto é importante à comunicação da pessoa surda para com as demais pessoas ouvintes.

Estudos sobre a língua de sinais estão cada vez mais sendo desenvolvidos. Atualmente, há uma crescente relação do número de pessoas interessadas em aprender e trabalhar com a língua. Logo “os sinais podem ser agressivos, diplomáticos, poéticos, filosóficos, matemáticos: tudo pode ser expresso por meio de sinais, sem perda nenhuma de conteúdo” (LABORRIT apud GESSER, 2009, p.23). Para a autora a Libras é uma língua complexa e possível de ser interpretada em qualquer área do conhecimento. O aprendizado e a aquisição de Libras vêm ocorrendo naturalmente tanto por ouvintes como por pessoas surdas, Quadros (1997, p.84) afirma que “A Libras é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato com sinalizadores, sem ser ensinada”.

O presente artigo se propõe a refletir sobre o processo de interação entre surdos e ouvintes no âmbito acadêmico, por meio da Libras. O cenário da pesquisa é o curso de Letras Libras, da UFPI, na cidade de Teresina, que é um curso novo e ainda está desenvolvendo suas primeiras atividades. Entendemos que o ambiente é propício para essa pesquisa, pois percebemos que, no início do curso, havia pessoas que não tinham conhecimento básico da língua de sinais, mas que, através do contato com pessoas surdas, tiveram um avanço favorável para sua aquisição da Libras. Notamos ainda que esse contato direto com o nativo da língua facilitou muito para o entendimento e o desenvolvimento na aprendizagem dos ouvintes não dominantes da língua.

Para os ouvintes, no início era difícil entender os surdos, mas ao longo do curso, a prática e o contato foi essencial para o desenvolvimento linguístico de Libras.

Segundo KAIL (2013, p.97) “os dados disponíveis indicam, globalmente, os mecanismos da aquisição da língua de sinais são semelhantes aqueles que incidem sobre a aquisição de uma língua oral por parte da criança ouvinte”. Se de fato isso ocorre com crianças, poderia ocorrer também com adultos já desenvolvidos. Ou por serem adultos esse processo seria mais complexo na sua aquisição. Nesse artigo discutimos ainda sobre estratégias utilizadas pelos ouvintes nos trabalhos acadêmicos em grupos com surdos, uma vez que alguns ouvintes chegaram à universidade com fluência em Libras e outros passaram apenas a ter contato efetivo na UFPI. Entretanto, tanto estes como aqueles, no início do contato direto com surdos, encontraram algumas dificuldades para tal comunicação.

2 Breve contextualização sobre aquisição de L2 na visão de alguns autores

Nesse trabalho será discutida a aquisição de segunda língua por ouvintes através do contato e a interação com surdos na UFPI. A aquisição de segunda língua é o processo pelo qual o sujeito aprende outra língua, após a aquisição de sua primeira língua ou língua materna. Esse aprendizado pode ser tanto em sala de aula (ambiente formal) ou como também fora dela (espaços sociais).

Por muito tempo, alguns pesquisadores vêm tentando explicar as diversas teorias existentes acerca da maneira de aquisição através do processo de interação social para o aprendizado de L2. Uma forma essencial para que isso ocorra é o contato como uma prática social, já que todos os seres não vivem isolados socialmente embora possuam identidade e cultura própria.

No artigo de Quadros (2007), a autora percebeu que a aquisição de uma L2 de forma natural em ambiente acadêmico, depende, inclusive da L1 e de L2, da idade do aprendiz e do tempo de exposição à L2 e no fato de esta incluído ou não nesta comunidade de minoria”. A autora fala ainda da aquisição espontânea em ambiente sociável, principalmente o tempo em que o sujeito é exposto ele poderá ter um desenvolvimento seguro e favorável. Já SANTANA (2007) afirma que a diferença de sotaques de falantes “nativos” (FN) e falantes

“tardios” (FT) na aquisição da segunda língua (L2) é destacada como um argumento em favor da idade crítica. Aqui a autora fala de uma idade apropriada para a aquisição de uma L2, ocorrendo assim uma desvantagem na aprendizagem.

Na perspectiva de Quadros (1997, p.83):

Há basicamente três formas de aquisição de L2; (a) a aquisição simultânea da L1 e da L2; (b) a aquisição espontânea da L2 não simultânea e (c) a aprendizagem da L2 de forma sistemática. No primeiro caso, a aquisição simultânea pode ocorrer com crianças que são filhos de pais que usam duas línguas diferentes ou usam uma língua diferente da língua usada na comunidade onde vive. A forma em (b) pode ocorrer com pessoas que passam a morar em um outro país onde é usada outra língua. No item (c) descreve-se a situação de escolas de línguas estrangeiras, em que a diferença básica entre a aquisição da primeira língua – L1- e a aquisição da – L2- relaciona-se com a forma como o indivíduo é exposto às línguas.

Podemos dizer que um indivíduo exposto por mais tempo a uma outra língua adquire de forma natural e espontânea. Logo, é evidente que o desenvolvimento ocorrera de forma gradual e com resultados, já que se trata de duas línguas em um mesmo ambiente. QUADROS (1997, p. 85 e 86), cita ainda a importância das características da interação no ambiente linguístico em que ocorre o processo de aquisição de L2:

Três aspectos da interação verbal que podem ser distinguidos: o input (a recepção), o output (a produção) e o feedback. O input é a linguagem oferecida para o estudante por falantes nativos (ou por outros estudantes); os aprendizes de L2 usam o input para formar hipótese sobre a linguagem. O output é a linguagem falada pelos próprios alunos; através da própria produção, os alunos podem testar suas hipóteses. E o feedback é a reação oferecida na conversação diante da produção do aluno; o feedback ajuda os alunos a avaliarem suas hipóteses. A otimização da interação envolve qualidade e quantidade do input, do output e do feedback.

Os aprendizes de segunda língua (L2) precisam muito mais de interação linguística do que de conceitos e competências gramaticais no âmbito teórico, para conseguir se comunicar de maneira efetiva. É necessário que esse sujeito busque saber como a língua é utilizada por seus falantes nativos, em sua maneira natural.

O aprendizado de língua é um processo bastante complexo nos dias de hoje, quando falamos em aquisição de uma segunda língua (L2), pensamos muitas vezes em uma estrutura tradicional professor, alunos, sala de aula e reprodução de conteúdo e costumes da língua alvo. Atualmente, diversos autores começam a questionar esse tipo de ensino e aprendizado

de línguas estrangeiras (LE). A Língua é um fenômeno social, podendo assim estabelecer uma relação entre Linguagem, sociedade e cultura. A Linguística Aplicada (LA), nos últimos anos, vem trabalhando no assunto, analisando ainda o modo como o contexto social e a inserção em uma nova cultura podem influenciar no aprendizado de L2.

A Linguística Aplicada em suas raízes foi bastante criticada por apenas seguir os modelos teóricos da Linguística geral, porém com o desenvolvimento de novos estudos, a LA está cada vez mais ampliando seu leque de métodos e conceitos de pesquisa. Essa disciplina não lida apenas com um número fechado de métodos de pesquisa. Podemos ver isso de acordo com Menezes et al (2009, p. 01), ao explicarem que:

A linguística aplicada nasceu como uma disciplina voltada para os estudos sobre ensino de línguas estrangeiras e hoje se configura como uma área imensamente produtiva, responsável pela emergência de uma série de novos campos de investigação transdisciplinar, de novas formas de pesquisa e de novos olhares sobre o que é ciência.

Como se pode perceber na visão da autora a LA é uma disciplina de entremeio e que se articula com diversos campos de análise, nos seus primórdios as pesquisas se predominavam ao ensino e aprendizado de línguas, porém com o desenvolvimento das pesquisas, a LA hoje está cada vez mais diversificada em métodos e áreas de atuação.

2.1 Processo de interação e o aprendizado de Línguas

Segundo Richter (2000) o processo de aquisição da linguagem se dá através da interação entre dois fatores: o programa mental inata do aprendiz e a linguagem produzida junto com o aprendiz e o interlocutor que tem domínio da língua. Essa teoria inatista, de acordo com Richter (2000, p.24), “defende que os seres humanos nascem programados para falar, assim como os pássaros nascem para voar”. É claro que dito isso ele estará dizendo que a linguagem se desenvolveu de forma natural assim como outras funções cognitivas. O mesmo se aplica a uma língua visual-espacial não podemos ignorar que esse processo também possa ser aplicado à nela.

Para Richter (2000), aprender qualquer língua semanticamente depende do desenvolvimento da cognição do indivíduo, já que em nesse desenvolvimento o significado

prevalece sobre a forma em um bom ensino de línguas. Ainda de acordo com Richter, a base para adquirir uma linguagem é preciso aprender a se comportar socialmente, usando para isso os sistemas de signos verbais e não-verbais e aprender relacionar-se entre si um cooperando com o outro e vice versa.

Tendo em vista a teoria inatista e interacionista, para se adquirir uma língua, é necessário a troca de experiências para se construir, e que uma depende da outra para uma construção da aquisição da linguagem no seu processo de interação.

3 Sobre a pesquisa, e os sujeitos

O projeto desenvolvido ocorreu no período de abril a junho de 2017, na Universidade Federal do Piauí, como trabalho final da disciplina de Linguística Aplicada I. A pesquisa se constituiu no ambiente acadêmico, pois com o lançamento do curso de Letras Libras na Universidade Federal do Piauí, o número de alunos surdos matriculados na instituição foi crescendo cada ano. Desta forma, a pessoa surda começa a ocupar os espaços acadêmicos, compartilhando sua diferença linguística e afirmando a identidade e cultura própria. Gesser (2009, p. 53) afirma que:

Mas a afirmação “o surdo tem identidade e cultura própria” tem outra face que, a meu ver, é extremamente significativa no processo de afirmação coletiva de grupos minoritários, que não apenas se exprime no singular “uma”, mas também está inscrita no adjetivo “própria”.

A pessoa surda hoje é vista como uma diferença cultural e linguística, pesando da maneira de Gesser (2009) o surdo possui seus próprios aspectos culturais e uma identidade afirmada socialmente.

A partir da oportunidade de ingressar no curso superior a pessoa surda cada vez mais compartilha sua diferença linguística, despertando o interesse de outros estudantes. Partindo de nossa própria experiência, enquanto surdos e ouvintes, em sala de aula, da nossa necessidade de interagir socialmente, uma vez que há o convívio entre estudantes surdos e ouvintes no espaço acadêmico, pensamos o presente trabalho. O curso de Letras-Libras da UFPI, cenário desta pesquisa, recebe alunos surdos, que se comunicam em Libras, e

alunos ouvintes, que se comunicam primeiramente em Português. Alguns destes alunos chegam ao curso, conhecendo a língua de sinais, outros começam a aprender a língua a partir de sua chegada no curso.

No entanto, várias atividades de sala de aula são em grupo e envolvem a participação de surdos e ouvintes, que devem interagir, para resolver a atividade. Este trabalho tece considerações sobre como ocorre, inicialmente, o processo de aquisição da Libras, como segunda Língua, para ouvintes, uma vez que a aquisição não acontece somente através de teorias e no campo da abstração, mas sobretudo e precipuamente no convívio, no contato social com falantes da língua. Dessa forma, é possível adquirir uma segunda língua apenas por meio do contato com os falantes nativos dessa língua.

O trabalho tem como objetivo analisar o processo de aquisição de Libras, como segunda língua, por ouvintes através do convívio social com surdos, além de identificar as dificuldades e estratégias iniciais para a comunicação entre os surdos e ouvintes, descrevendo ainda essa interação que é essencial para a aquisição de uma segunda língua.

Tento em vista as questões norteadoras e os objetivos elencados, optamos por uma pesquisa de campo de caráter qualitativo-descritivo, conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 186), a pesquisa de campo “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los”. No primeiro momento, fizemos um levantamento bibliográfico de autores que exploram o tema sobre a aquisição de segunda língua por meio do contato com o falante nativo. A pesquisa bibliográfica foi valiosa na medida que foi possível notar que trabalhos já foram feitos e quais as opiniões já elaboradas sobre o assunto proposto. Em seguida preparamos um modelo teórico condizente ao tema e os instrumentos de coleta de dados que foram: Observações, entrevistas e questionários.

A técnica de observação consistiu em participação com os alunos nos diversos espaços públicos da universidade: Bibliotecas, Lanchonetes, pontos de ônibus, corredores e em sala de aula. A maior parte da coleta de informações foi dentro de sala de aula, justamente nos momentos de estudos das disciplinas. Nesse período, foi possível identificar algumas informações sobre como ocorre o processo de aquisição de Libras por alunos ouvintes ocorre. Pensando desta forma, Marconi e Lakatos (2003, p. 191) afirmam que:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade.

Entrevistamos de forma aberta um grupo de 8 alunos do curso de Letras Libras da UFPI, sendo que 5 são ouvintes, foco principal para as análises, e 3 surdos. No decorrer das etapas desse trabalho, será justificado o motivo pela escolha desses participantes. Em uma entrevista aberta, o pesquisador tem liberdade para acrescentar e diversificar as perguntas para assim encontrar as informações necessárias e compreender o posicionamento e os fatos vivenciados pelo entrevistado. Tivemos como objetivo analisar, identificar e descrever as informações que norteiam nossa pesquisa. Durante o processo de entrevista foi esclarecido as participantes que poderiam acrescentar e ressaltar qualquer tipo de informação extra relacionado ao assunto proposto.

O questionário foi realizado apenas aos sujeitos ouvintes, pois como já dito anteriormente é o foco principal da pesquisa. Para obter respostas mais precisas dos participantes ouvintes sobre as questões de pesquisa, elaboramos um pequeno questionário, contendo 3 perguntas sobre a habilidade de Libras antes e depois do contato com o surdo dentro da universidade e a contribuição desse contato para o desenvolvimento da aquisição da língua. O questionário foi aplicado em turnos diferentes das aulas dos participantes, para não sofrerem nenhuma influência externa nas análises dos dados.

Os participantes envolvidos nessa pesquisa totalizam-se em 8 sujeitos, dentre eles 3 surdos identificados no corpo do trabalho como S1, S2, S3 e 5 ouvintes O1, O2, O3, O4 e O5, todos estudantes do curso de Letras Libras da UFPI, local onde de procedeu a pesquisa.

Os 3 alunos surdos têm surdez profunda e a média de idade de 27 anos, todos eles são usuários da Libras, porém com aquisição tardia da língua, o tempo médio dessa aquisição dos 3 surdos é de 14 anos. Como discutimos na seção 2, o contato com a nova cultura linguística é de grande valia para a habilidade em Libras. Nessa perspectiva, os alunos surdos já possuem um considerável período de tempo de contato com a Libras, em média 13 anos. No aspecto educacional, todos concluíram o ensino médio e já possuem curso de formação em instrutor de Libras no estado o Piauí, porem apenas S1 atua como instrutor e tem mais experiência em sala de aula do que S2 e S3. A razão por ter escolhido esses sujeitos é

justamente pensando em todas esses dados e informações pessoais, que vão ao encontro da proposta de pesquisa, assim é possível perceber que esses sujeitos já conhecem a comunicação e expressão da Libras.

Os demais participantes alvos da pesquisa são os alunos ouvintes. Todos eles possuem outras formações superiores, menos o aluno O5. Para selecionar esses sujeitos, levamos em consideração o desenvolvimento linguístico em Libras dos estudantes ouvintes desde o início do curso de Letras Libras até o período atual. O sujeito O5 está no segundo período do curso, já os demais encontram-se no quarto período. O propósito para estes serem participantes da pesquisa foi porque os alunos desenvolveram bastante suas habilidades em Libras, perfazendo uma boa interação entre os alunos surdos, tendo o contato efetivo com a cultura surda e o uso natural da língua de sinais. Segue abaixo a tabela 1, com as informações-chave dos sujeitos ouvintes:

Sujeitos ouvintes	O1	O2	O3	O4	O5
Idade	31 anos	35 anos	38 anos	34 anos	29 anos
Formação	Superior	Especialização	Especialização	Ensino médio	Superior
Tempo de contato com surdo na UFPI	2 anos	2 anos	2 anos	1 ano	2 anos
Cursos antes do contato	Não tinha curso de Libras	Básico	Básico e Intermediário	Básico	Básico

Fonte: Pesquisa de campo dos autores, 2017.

4 A aquisição de Libras por estudantes ouvintes do curso de Letras Libras da UFPI

Assim como já ressaltado anteriormente, o objetivo principal da pesquisa é analisar o processo de aquisição de Libras, como segunda língua, por ouvintes através do convívio

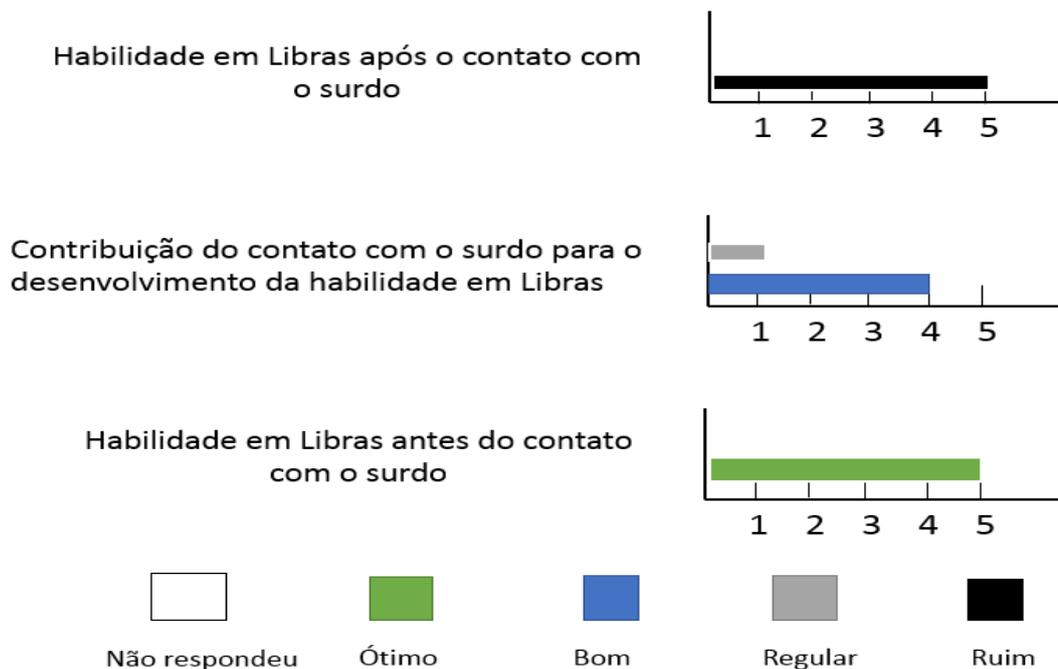
social destes com surdos adultos fluentes em Libras, mais precisamente alunos do curso de Letras Libras da UFPI, descrevendo ainda o nível de habilidade comunicacional dos ouvintes utilizando a Libras.

4.1 Análise dos questionários

Consideramos as habilidades em Libras desses estudantes de antes do contato direto com o surdo na universidade e após o contato e também elencamos com base nos dados do questionário a importância da contribuição do contato direto com o falante nativo da língua para o desenvolvimento da habilidade de comunicação e expressão em Libras.

O questionário foi aplicado aos estudantes ouvintes logo após a entrevista de pesquisa, a preferência em aplica-lo após a entrevista foi apenas uma escolha didática de proceder o levantamento de dados para o artigo. As questões para esse instrumento de análise são: a) Habilidade em Libras antes do contato com o surdo, b) Habilidade em Libras após do contato com o surdo e c) Contribuição do contato com o surdo para o desenvolvimento da habilidade em Libras. Com esses dados, foi possível perceber o nível de habilidade dos entrevistados e a contribuição do contato com o estudante surdo falante nativo da Libras para o desenvolvimento linguístico dos ouvintes.

A seguir, vemos uma Figura que mostra a contribuição do contato com o surdo e o nível de habilidade linguística em Libras dos alunos entrevistados:



Fonte: Pesquisa de campo, 2017

De acordo com os dados que aparecem na Figura e as perguntas do questionário, vemos que os alunos ouvintes foram bastante claros e objetivos nas respostas. Como já dito anteriormente, na pergunta 1) Qual o nível de habilidade em Libras antes do contato direto com o surdo na universidade?, todos os participantes disseram que pouca ou nenhuma habilidade, respondendo “RUIM”. Na questão 2) Qual o nível de habilidade após o contato com o surdo até o momento presente?, apenas O1 respondeu “REGULAR” e os demais participantes afirmaram ter nível BOM, a última pergunta 3) Qual a contribuição do contato para o desenvolvimento da aquisição de Libras?, nessa questão todos disseram que foi “ÓTIMO”. Baseados nessas informações, já é possível identificar o quão é importante o processo de interação entre alunos surdos e ouvintes, para o desenvolvimento das habilidades na língua. É de grande valia para o aprendizado da Libras a inserção do aprendiz na cultura do surdo.

4.2 Análise de observações na UFPI dentro e fora de sala de aula

A pesquisa se constituiu também em observações feitas tanto em sala como em trabalhos em grupo, foram observados vários processos já citados em estudos realizados por

autores elencados no referencial teórico e, principalmente, no tocante à parte de interação citado por Richter (2009). Durante todo o mês de maio até 10 de junho, foi observado em sala de aula os alunos que cursam o 4º período do curso de Letras-Liras da UFPI, percebemos que ocorre uma interação saudável e de bom aproveitamento linguístico.

Foi observado ainda que os surdos a todo instante e a sua maneira incentivavam os ouvintes a prática em sala e também em locais específicos da UFPI como: ponto de ônibus, horário de lanche e também em trabalhos em grupos na biblioteca. Percebemos também que os ouvintes por medo e por vergonha, ficam mais tímidos em disciplinas específicas de Libras, como LIBRAS IV e Morfologia e Sintaxe, que são disciplinas que exigem exposição do que o aluno aprendeu do início do curso até os dias de hoje. Muitos alunos, pela necessidade de comunicar-se com os surdos, se esforçam e acabam por vencer o medo, que até então os bloqueava, conseguindo o que desejam, que é a prática e conversação através da língua de sinais.

Na observação em trabalhos em grupo, foi observado apenas dois desses trabalhos feitos na biblioteca, em espaço fora de sala de aula. As disciplinas eram: O surdo e novas tecnologias e Libras IV. Nessa observação, percebemos a prática linguística e o esforço do ouvinte na busca para repassar os conteúdos para os surdos. Os ouvintes utilizavam como estratégia a datilologia, quando não sabiam o sinal, para que assim os surdos pudessem informar o sinal, quando houvesse. Observamos também que em situações mais difíceis, por exemplo: para explicar o significado de “hierarquia”, o ouvinte buscava um exemplo mais próximo da realidade e vida do surdo, para melhor compreensão. Fazendo isso, os ouvintes pediam para que os surdos explicassem novamente o que havia sido transmitido.

Com essa prática de interação comunicativa, que é importante e necessária, descobrimos que os ouvintes sem fluência e que faziam gestos, hoje conseguem comunicar-se de forma mais espontânea em língua de sinais; e mostraram também que o contato direto com o nativo é essencial, sendo uma forma mais completa para esse tipo de aquisição bilíngue.

4.3 Análise de entrevistas semiestruturadas

O terceiro instrumento de pesquisa foram as entrevistas abertas, onde seguimos um breve roteiro, porém dinâmico. Em princípio, fizemos aos alunos ouvintes os seguintes questionamentos: 1) Qual era o momento mais difícil para você quando não dominava a LIBRAS?; 2) Você como iniciante fazia o que para transmitir conteúdos de trabalhos em grupos?; 3) Como você faz para que haja entendimento na comunicação com surdo hoje?; e 4) Qual a estratégia mais usada por você para aprender a língua de sinais?

Com base nas teorias dos autores citados e em nossas observações, questionários e entrevistas feitas com alunos que cursam o 4º período de LIBRAS na universidade Federal do Piauí, apenas um respondeu que não usava os gestos para a comunicação. A análise mostra que as estratégias utilizadas inicialmente pelos ouvintes eram as mesmas na comunicação com os surdos.

No início, 4 dos entrevistados responderam que faziam gestos como afirma O1, O2, O3 e O4, dizendo:

Sim, pois mesmo com um conhecimento prévio acabamos fazendo. (O1)

Ah sim. Fazia, eu fazia gestos. Porque não sabia... para mim que tinha que colocar mímica para pessoa compreender. Aí depois eu disse não vai ajudar porque se é uma língua eu tenho que usar os aspectos linguísticos que é da própria língua. (O2)

Sim. Eu fazia muito. (O3)

Fazia muito gesto sim, isso somente no início. (O4)

Por ser uma língua visual espacial, os ouvintes no início faziam gestos. Pois não sabiam outra maneira de se comunicar com os surdos na língua de sinais. Para eles, no início, a comunicação era difícil não só por não conhecerem a língua, mas ainda por não ter tido contato com surdo antes do ingresso na universidade. Para muitos não só a teoria é importante, mas a prática e o contato são essenciais para domínio e aquisição de toda e qualquer língua, que tem estrutura e cultura própria.

Como diz o sujeito O2, de 38 anos:

O contato com o nativo é importante porque você ganha fluência. Você vai conseguindo se comunicar e você vai entendendo que o outro lá, que você está falando a língua dele, ele está entendendo. Então se ele está compreendendo, você está sabendo utilizar a língua dele, você está utilizando adequadamente as características e os aspectos que é próprio da língua, que ele consegue

compreender. Quando você não tem esse contato, digamos... que é só ver vídeos, ou...você sabe muitos sinais, mas não sabe, se o surdo vai compreender aquilo que você está sinalizando. Então não adianta. Você precisa ter o contato para você saber como é que você tá sinalizando, se ele está compreendendo ou não, porque se ele não compreender você precisa melhorar a sua sinalização, até ele compreender.

As entrevistas feitas mostraram ainda que, embora estando em um ambiente onde facilitaria sua aprendizagem, sentiram algumas dificuldades no início da comunicação. Dentre essas dificuldades, os sujeitos citaram: o medo, em vários aspectos: sinalizar perante todos e serem criticados e as pessoas rirem deles por eles não saberem a língua; a timidez, a vergonha, por ter ouvinte com fluência na sala; a falta de compressão dos próprios surdos, enfim, a própria falta de entendimento no início da comunicação que era bem difícil. Como afirma O1:

Foi estranho, pois eu não sabia nada de LIBRAS e não conseguia me comunicar. Foi um impacto assim, grande. Você ver um outro ser humano, digamos assim, estruturalmente e biologicamente igual a você, mas...você não conseguiu se comunicar efetivamente.

A própria comunicação era difícil, porque para haver comunicação é preciso que ambos conheçam a língua e eu não sabia.

O processo da comunicação do ouvinte com o surdo se dava dentro do espaço acadêmico, em vários pontos, na sala, nos espaços de lanches no intervalo, em pontos de ônibus, onde esperam para ir para casa deles, enfim, a todo o momento os ouvintes interagem com os surdos. Isso, no início e longe de pessoas com fluência em Libras, pois os ouvintes sem fluência tinham dificuldades de sinalizar na frente dos ouvintes com fluência. Hoje isso não acontece mais, como afirma O3, dizendo:

Hoje eu já me sinto mais à vontade, eu sinalizo com eles, quando faço errado eles me corrigem. Hoje tenho prazer que eles fiquem perto de mim para conversar.

Os entrevistados mostraram utilizar estratégias semelhantes. Para a aquisição de Libras, os participantes O2, O3, O4 e O5 afirmaram que:

Fala que usava a datilologia, a escrita, o uso de dicionários, estudava 5 a 8 horas por dia traduzindo frases e fazia cursos fora. (O2)

Usava a escrita, datilologia, fazia anotações e faz cursos fora. (O3)

Também usava a escrita, usa a datilologia e faz um dicionário. (O4)
Faz curso fora e usa a escrita. (O5)

Como vemos, as estratégias foram praticamente iguais e necessárias, para a aquisição da Libras durante os primeiros contatos com surdos. Isso porque a aquisição de uma segunda língua L2 não é fácil, principalmente quando se trata de uma língua visual-espacial, como é o caso da Libras.

Foram realizados também perguntas para os surdos para melhor compreensão desse contato já que se trata de um convívio em espaço sociável. As perguntas foram: 1) Como você vê a interação entre surdos e ouvintes aqui na UFPI?; 2) você acha importante esse contato?; 3) Como vocês fazem para que haja uma boa comunicação entre surdos e ouvintes?; 4) você consegue entender o que os ouvintes repassam?; 5) no início foi difícil esse contato?

Foram com essas perguntas feitas para os surdos que conseguimos perceber se de fato os ouvintes conseguem se comunicarem com os surdos. As análises mostram que podem ocorrer certas práticas informais dentro do espaço acadêmico, onde os alunos surdos e ouvintes, de culturas e práticas diferentes, tentam ajudar uns aos outros com essa interação. Como diz S1, ao afirmar que a seu ver a interação no espaço acadêmico é importante:

Eu vejo interação com surdo importante, não pode separa e precisa união exemplo: se pessoa ouvinte não saber a LIBRAS de nada, surdo possível ensinar para ouvinte aprender LIBRAS e também se ouvinte saber pouco LIBRAS ensinar português para surdo, pois iguais interações, minha opinião é importante união.

Os surdos acham importante o contato aqui na universidade para juntos trocarem conhecimento um aprendendo com o outro. Para eles, é possível que eles aprendam e essa troca de saberes é de extrema importância para ambos. E ainda que os ouvintes devem interagir mais com os surdos para que no futuro haja uma fluência por parte dos ouvintes em língua de sinais. Para o aprendizado semântico, toda e qualquer língua depende do desenvolvimento da cognição do indivíduo e com reciprocidade, como afirma Richter (2009).

5 Considerações Finais

Tendo em vista todos os fatos e dados coletados, concluímos que é de extrema importância o processo de interação entre os sujeitos envolvidos para que a aquisição de uma língua ocorra de maneira natural e espontânea. Embora se tratando de uma língua que exija muito mais de sua atenção, de seu olhar fixo no outro. Observou-se ainda que, por mais que os ouvintes tenham conhecimento teórico da língua de sinais brasileira, não é suficiente para que os surdos consigam entender o que eles querem transmitir, pois uma sinalização superficial e sem estrutura própria da língua faz com que o diálogo se torne confuso e até impossível.

É necessário que o ouvinte esteja diretamente integrado à comunidade surda, para que o mesmo consiga desenvolver sua habilidade linguística em Libras, já que é através do relacionamento com o outro indivíduo falante da língua estimule esse desenvolvimento de uma L2 fluente e estruturada.

Com isso, concluímos que o convívio direto com o sujeito surdo e sua inserção na cultura surda propiciam a aquisição e aprendizado de uma segunda língua na sua forma natural e uma comunicação efetiva no espaço acadêmico. Além de haver uma necessidade do sujeito ouvinte saber de comportar diante daquela nova cultura, para que em certos momentos perca o medo de aprender aquela nova língua, para que desta forma tenha um aprendizado significativo.

Referências

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009

GÓES, M. C. Rafael de. **Linguagem, Surdez e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed-São Paulo: Atlas 2003.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. **Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos.** In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos.* São Paulo: Contexto, 2009.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

QUADROS, Ronice Muller de, KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

RICHTER, M. G. **Ensino de Português e Interatividade.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2000.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1934.